

Inovação em Sala de Aula - Uma Perspectiva Discente

Innovation in the Classroom - A Student Perspective

Felipe Haubert Ávila¹, Ariel Behr²

Submissão: 15 julho 2019

Aprovação: 09 setembro 2019

Resumo

A inovação é uma necessidade para as organizações que querem permanecer competitivas e nas instituições de ensino superior isso não é diferente. A necessidade dos alunos de apreender o conhecimento em sala de aula contrasta com a insuficiência dos métodos tradicionais de ensino. Com isso, a inovação em sala de aula desponta como auxílio para o professor transmitir o conteúdo de maneira efetiva. Como na inovação subentende-se um resultado, é necessário determinar o conceito que os alunos têm sobre inovação em sala de aula, direcionando-se esforços para satisfazer as necessidades identificadas pelos alunos. Assim, essa pesquisa tem um caráter qualitativo e exploratório e busca, a partir de entrevistas semiestruturadas, desenvolver o conceito de inovação na sala de aula, na perspectiva discente. As respostas estão alinhadas com a teoria, indicam um descontentamento com a aprendizagem passiva, uma busca por maior interação e participação no processo ensino-aprendizagem, além de envolverem recursos tecnológicos.

Palavras-Chave: Inovação. Educação. Ensino Superior. Contabilidade.

¹ Mestrando em Administração, na área de Gestão de Sistemas e Tecnologia da Informação, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Tem experiência na área de Ciências Contábeis, Planejamento Financeiro, Controladoria e Contabilidade Gerencial. Endereço: Avenida Érico Veríssimo, 400, 90160-180, Porto Alegre, RS, Brasil. E-mail: avilafh@hotmail.com

² Doutor e Mestre em Administração com ênfase em Sistemas de Informação e Apoio à Decisão pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Tem experiência na área de Ciências Contábeis, Sistemas de Informação e Educação a Distância. Professor Adjunto na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), no Departamento de Ciências Contábeis e Atuariais (DCCA), no Programa de Pós-Graduação em Administração (PPGA/EA/UFRGS) e no Programa de Pós-Graduação em Controladoria e Contabilidade (PPGCont). E-mail: ariel.behr@ufrgs.br

Abstract

Innovation is a necessity for organizations that want to remain competitive and in higher education institutions this is no different. The students' need to grasp the knowledge in the classroom contrasts with the inadequacy of traditional teaching methods. With this, the innovation in the classroom emerges as an aid to the teacher to transmit the content in an effective way. As innovation implies a result, it is necessary to determine the concept that students have about innovation in the classroom, focusing efforts to meet the needs identified by the students. Thus, this research has a qualitative and exploratory character and seeks, from semi-structured interviews, to develop the concept of innovation in the classroom, in the student perspective. The answers are in line with the theory; indicate dissatisfaction with passive learning, a search for greater interaction and participation in the teaching-learning process, besides involving technological resources.

KeyWords: *Innovation. Education. Higher Education. Accounting.*

Como citar (APA):

Ávila, F. H., & Behr, A. (2019). Inovação em sala de aula - Uma perspectiva discente. *PMKT – Revista Brasileira de Pesquisas de Marketing, Opinião e Mídia (on-line)*, 12(2), 60-71. Recuperado de www.revistapmkt.com.br

Como citar (ABNT NBR 6023/2018):

ÁVILA, F. H.; BEHR, A. Inovação em sala de aula - Uma Perspectiva Discente. **PMKT – Revista Brasileira de Pesquisas de Marketing, Opinião e Mídia (on-line)**, v. 12, n. 2, 60-71, 2019. Disponível em: www.revistapmkt.com.br. Acesso em:

1 Introdução

A inovação é um processo complexo e sistêmico que está no centro da atual economia baseada no conhecimento (Lundvall, 1992; *Organization for Economic Cooperation and Development* [OECD]; Financiadora de Estudos e Projetos [FINEP], 2004), estando presente em diversas áreas e segmentos da sociedade e com inegável importância para o desenvolvimento econômico e social (Schumpeter, 1942). Inúmeras pesquisas apresentam a evolução do tema e refletem essa importância e diversidade, como Fagerberg (2004) e Godin (2010). Apesar da ampla gama de estudos e setores, as teorias e políticas de inovação tem como foco principal o setor de negócios (Lekhi, 2007). Nesse sentido, nas revisões de literatura realizadas por Fagerberg, Fosaas e Sapprasert (2012) e Martin (2012), por exemplo, bem como nas análises de evolução das pesquisas em inovação de Fagerberg, Martin e Andersen (2013), a inovação no ensino superior é pouco mencionada. Assim, há uma necessidade de maior exploração desse campo (Pereira, Franco, Almeida, & Santos, 2012).

As instituições de ensino superior precisam promover condições para que seus alunos se desenvolvam e estejam preparados para um papel atuante na sociedade (Santos, 2000). Nesse sentido, inovações na educação poderiam potencializar os resultados de aprendizado, permitindo que os alunos obtenham um melhor desempenho e desenvolvimento ao modificar o processo de ensino (OECD, 2014).

Barroso (2005) considera que existem dois tipos de inovações: uma envolvendo os professores e outra envolvendo o poder político e sua administração central. Por sua vez, o relatório *Measuring Innovation in Education: A New Perspective* da *Organization for Economic Cooperation and Development* (OECD) separa as inovações como relacionadas à sala de aula ou à escola como um todo (OECD, 2014). Este artigo terá como foco o ponto em comum entre os dois trabalhos citados: as práticas de inovação dentro da sala de aula, que estão ao alcance do professor.

A partir do exposto, o presente artigo busca responder a seguinte questão: A partir da perspectiva discente, o que é inovação em sala de aula? Assim, o objetivo do artigo é analisar o que significa inovação para alunos de graduação. Para isso, serão feitas entrevistas semiestruturadas com alunos de Ciências Contábeis da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, de forma a identificar o conceito de inovação na sala de aula, na perspectiva do discente.

Esta pesquisa está estruturada com a presente introdução, seguida da seção 2, onde serão abordados os conceitos e relações entre a inovação e o ensino superior. Na seção 3 são apresentados os procedimentos metodológicos e, na seção 4, são apresentadas as análises dos resultados. Por fim, na seção 5, apresenta-se as considerações finais.

2 Inovação e Ensino Superior

As definições de inovação variam para diferentes contextos e disciplinas, porém, uma definição amplamente aceita é a constante no glossário da OECD, onde a inovação envolve a “implementação de um novo produto (bem ou serviço) ou processo, um novo método de marketing ou um novo método organizacional nas práticas de negócio, organização do trabalho ou relações externas” (OECD, 2005, p.1). Porém, as pesquisas sobre inovação no ensino superior têm usado o termo “inovação” sem uma definição clara e normalmente abordam a adaptação da universidade a mudanças no ambiente (Cai, 2017). Além disso, alguns estudos (Clark, 1998; Slaughter & Rhoades, 2004) tratam de inovação sem utilizar o termo explicitamente. Por sua vez, Audy (2017, p.76), ao falar de inovação na educação, a define como “a efetiva implementação, com sucesso (valor agregado), de novas ideias, em um determinado contexto”. Por outro lado, Lašáková, Bajžíková, & Dedze (2017) destacam que

uma das barreiras para a inovação no ensino superior envolve uma atitude negativa em relação à inovação e falta de interesse dos professores. Nesse sentido, Watty, McKay, & Ngo (2016) destacam que normalmente as inovações no ensino superior são lideradas por indivíduos e reforçam que a maioria dos professores em contabilidade possuem restrições quanto à inovação, seja por falta de interesse, alta carga de trabalho, preferência por métodos tradicionais, ou falta de suporte da instituição.

As inovações no ensino superior envolvem diversos aspectos como missão, estratégia e gestão das universidades, mas também políticas, estrutura organizacional, currículo, ensino e aprendizado (Cai, 2017). Apesar de as inovações não necessariamente atingirem um resultado positivo (Martín, Potočnik, & Frás, 2017), pesquisas sugerem que o processo de inovação resulta em diversos benefícios, incluindo um aumento no bem-estar psicológico (Bunce & West, 1997; De Jong, 2007). Bowman (2010) ressalta que esse bem-estar é essencial para que os objetivos de aprendizagem sejam atingidos, bem como para garantir uma adequada adaptação do aluno à universidade.

No relatório da OECD – “*Measuring Innovation in Education: A New Perspective*” – são apresentadas doze práticas de inovação, divididas em duas perspectivas: Práticas de Sala de Aula e Práticas Escolares (OECD, 2014). Essas práticas são apresentadas na Tabela 1. O relatório utiliza dados quantitativos para mensurar a inovação em escolas e não no ensino superior, porém, uma vez que os tópicos analisados tratam sobre educação, estão adequados para os propósitos deste artigo.

Tabela 1

Práticas de Inovação

Práticas de sala de aula	Práticas escolares
Inovação no estilo de ensino	Inovação no fornecimento de educação especial
Inovação em práticas de instrução	Inovação na extensão da colaboração dos professores
Inovação na organização da classe	Inovação nos mecanismos de <i>feedback</i>
Inovação no uso de livros didáticos	Inovação em avaliação e contratação nas escolas
Inovação nos métodos de avaliação utilizados	Inovação nas relações externas das escolas
Inovação na disponibilidade de computadores e internet na sala de aula	
Inovação no uso de computadores nas salas de aula	

Fonte: Adaptado de “Organization for Economic Cooperation and Development”, 2014. *Measuring Innovation in Education: A New Perspective*. *Educational Research and Innovation*, doi: 10.1787/9789264215696-en

Como o objetivo da pesquisa engloba apenas as inovações dentro da sala de aula, das 12 formas apresentadas, apenas 7 foram utilizadas. Assim, as Práticas Escolares não foram levadas em consideração para este artigo. A Tabela 2 apresenta as dimensões utilizadas neste estudo, seguidas da descrição constante no relatório da OECD (2014).

Tabela 2

Descrições das formas de Inovação

Formas de Inovação	Descrição
1) Inovação no estilo de ensino	Incorporar o uso do ensino à frente da classe, como palestras em sala de aula, leitura em voz alta ou demonstração de experiências científicas. O objetivo da inovação no que diz respeito ao aumento do uso do ensino à frente da classe poderia ser, por exemplo, garantir que os princípios básicos sejam explicados para toda a classe, enquanto que uma redução pode ocorrer como resultado da introdução de uma abordagem mais individualizada para ensino em sala de aula. A inovação também pode assumir forma de trabalho independente. Um aumento no trabalho independente pode refletir um movimento para gerar maior autonomia,

	enquanto uma diminuição pode indicar uma mudança para uma orientação mais direta do professor.
2) Inovação em práticas de instrução	Incorporar mudanças na medida em que os alunos aplicam seus conhecimentos e habilidades à sua vida real ou a atividades como interpretação de dados ou raciocínio. O objetivo de tal inovação pode ser incentivar o engajamento e a motivação, tornando as aulas mais salientes ou incentivando as habilidades de pensamento crítico do aluno. Uma redução dessas práticas pode ocorrer se os professores explorarem alternativas inovadoras ou buscarem passar o tempo em diferentes atividades.
3) Inovação na organização da classe	A inovação na sala de aula também pode ser vista através de diferentes formas de organizar a classe para diferentes fins de instrução. Os professores podem inovar adaptando a organização da classe de acordo com o assunto e o tipo de conteúdo que eles estão entregando. O professor também pode dar mais ou menos autonomia aos alunos através de trabalho autodirigido ou fornecer aos alunos instruções individualizadas. O objetivo de aumentar esse tipo de práticas de instrução poderia ser, por exemplo, facilitar a aprendizagem colaborativa entre estudantes, ou atender necessidades educacionais específicas, enquanto uma diminuição pode refletir o desejo de reduzir a medida em que os alunos se reúnem e se movem pela sala de aula ou para aumentar o tempo que eles aprendem diretamente do professor.
4) Inovação no uso de livros didáticos	A inovação na sala de aula também pode incorporar diferentes abordagens para o uso de livros didáticos como material de instrução. Os professores podem optar por fazer uso mais ou menos de livros didáticos como base para instruções ou como ferramentas complementares. O objetivo da inovação em relação ao uso de livros didáticos poderia ser, por exemplo, alinhar o currículo da sala de aula com os padrões através de uma adesão mais rigorosa ou mais indulgente com os conteúdos dos livros didáticos, enquanto o uso reduzido de livros didáticos reflete uma intenção de introduzir fontes alternativas, como recursos educacionais abertos, ou para defender pedagogias mais ativas.
5) Inovação nos métodos de avaliação utilizados	A inovação nas salas de aula pode incluir uma mudança nos métodos que os professores usam para avaliar os alunos ao longo do tempo. Os professores podem inovar administrando diferentes tipos de testes, bem como avaliando os alunos através de suas atividades diárias e entregas. O objetivo da inovação a este respeito poderia ser, por exemplo, mudar o tipo de avaliação para monitorar melhor o desempenho dos alunos ou para melhor atender às necessidades dos alunos e identificar possíveis soluções para melhorar seus resultados de aprendizagem.
6) Inovação na disponibilidade de computadores e internet na sala de aula	A inovação na sala de aula pode assumir a forma de proporcionar aos alunos acesso a computadores e à internet. As escolas podem optar por investir em mais equipamentos de computador e rede em suas aulas para serem usadas como uma ferramenta para instrução durante as aulas, ou podem reduzir o uso do computador na sala de aula, possivelmente em favor da utilização de tecnologia de outras formas ou coletar as tecnologias de informação e comunicação (TIC) juntas em tarefas dedicadas. O objetivo da inovação no que diz respeito ao aumento da disponibilidade de computadores e internet poderia ser, por exemplo, tornar os alunos familiarizados com o uso das TIC e facilitar o uso pedagógico da tecnologia nas salas de aula.
7) Inovação no uso de computadores nas salas de aula	A inovação na sala de aula inclui diferentes possibilidades para o uso de computadores durante a instrução da sala de aula em todos os assuntos. Os professores podem optar por integrar suas instruções, com um uso mais amplo ou mais estreito dos computadores para atender a diferentes propósitos. A finalidade da inovação no que se refere ao uso do computador pode ser, por exemplo, para que os alunos desenvolvam um conjunto adequado de competências digitais e para tornar os alunos mais conscientes da utilidade dos computadores para sua aprendizagem. Uma redução no uso de TIC na sala de aula pode resultar de inovações como a decisão de fornecer computadores para o lar, ou uma preferência por fornecer experiência através de objetos e experimentos reais e não virtuais.

Fonte: Adaptado de “Organization for Economic Cooperation and Development”, 2014. Measuring Innovation in Education: A New Perspective. *Educational Research and Innovation*, doi: 10.1787/9789264215696-en

Os conceitos da Tabela 2 foram utilizados como norte na pesquisa de artigos que tratam sobre inovação no ensino superior, de forma que os artigos apresentados a seguir, tratam de

pelo menos um dos sete pontos do relatório da OECD. Posteriormente, na fase de análise, as falas dos entrevistados serão confrontadas com os artigos desta revisão de literatura.

Fernandes, Silva, Ravena, Martins e Gomes (2017) fizeram um estudo, por meio de questionário, sobre os elementos constitutivos da satisfação de alunos de administração e ciências contábeis. Dentre treze variáveis estudadas, estavam as práticas pedagógicas de ensino utilizadas pelos professores, formas de avaliação de conteúdo, aplicabilidade prática das disciplinas, que correspondem a alguns pontos do relatório da OECD. Os autores concluíram que, apesar de não serem as principais determinantes, essas variáveis contribuíam para a satisfação dos alunos.

Gupta, Parekh, e Ganjiwale (2017) estudaram a percepção dos alunos sobre práticas de ensino inovadoras no que diz respeito ao interesse, clareza de conceito e aprimoramento do aprendizado. Dentre dez práticas utilizadas, três foram as mais bem classificadas pelos alunos no quesito aprimoramento do aprendizado. 1) Uma atividade onde os alunos discutiam e apresentavam diferentes assuntos divididos em pequenos grupos, com o professor como auxiliar; 2) Uma atividade onde os alunos viviam uma situação diária da profissão; e 3) Um modelo de respostas, que proporcionava *feedback* sobre as avaliações e orientações sobre o que escrever, erros comuns e da importância da avaliação.

Outro elemento comumente associado à inovação na sala de aula é o *mobile learning*, que, segundo Sánchez-Prieto, Olmos-Migueláñez e García-Peñalvo (2017), é uma ferramenta que centraliza o aprendizado no aluno, desenvolvendo competências por meio do aprendizado ativo. Além disso, os autores, a partir de uma aplicação de um modelo TAM adaptado, concluem que os alunos de mestrado analisados no estudo, potenciais professores, estão abertos ao uso do *mobile learning* como ferramenta de ensino. Ainda, sobre tecnologia e métodos ativos, Lewis, Fretwell, Ryan e Parham (2013) afirmam que é necessário um movimento em direção ao aprendizado interativo no ensino superior, de forma a engajar a geração de estudantes atual, que utiliza de maneira intensa recursos tecnológicos.

3 Procedimentos Metodológicos

Para cumprir a questão de pesquisa e os objetivos propostos, o presente artigo se utiliza de uma abordagem qualitativa-exploratória. Assim, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com 11 alunos do curso de Ciências Contábeis da UFRGS, que duraram entre 4 e 11 minutos. As questões feitas aos alunos buscaram identificar o conceito de inovação em sala de aula. Optou-se por entrevistar apenas alunos nos últimos três semestres (6º, 7º e 8º), uma vez que eles já passaram por grande parte do curso e, portanto, possuem condições de elaborar uma melhor resposta do que alunos com pouca experiência na graduação, prática já adotada por Fernandes et al. (2017). Todos os alunos deram autorização para a gravação da entrevista e foram informados que não seriam identificados no presente estudo.

Antes de começar as perguntas relativas ao tema central do estudo, foi perguntando aos alunos dados demográficos como sexo, idade e semestre, de forma a caracterizar a amostra utilizada. Após isso, a questão proposta era justamente a questão de pesquisa deste artigo: “Para você, o que é inovação em sala de aula”? A partir das repostas, exemplos de práticas que eles consideravam como inovadoras eram solicitados e, ao final, era dedicado um espaço para que os alunos se manifestassem livremente sobre o tema inovação na sala de aula, adicionando qualquer informação que lhes parecessem importante. As entrevistas foram transcritas e, posteriormente, analisadas no software Nvivo Pro 11. Quando alguma resposta for reproduzida neste artigo, será utilizado o código “EXX”, sendo XX um número inteiro entre 01 e 11, de forma a identificar o entrevistado.

4 Análise dos Resultados

É possível perceber que a maioria dos alunos se encontra na faixa etária de 20 a 24 anos (6 alunos), é do sexo masculino (6 alunos) e está cursando o sétimo semestre (Tabela 3).

Tabela 3

Quantidade de alunos por faixa etária, sexo e semestre

Variável	Categoria	Quantidade
Faixa etária	20 a 24	6
	25 a 29	3
	30 a 34	1
	35 a 39	0
	≥ 40	1
Total		11
Sexo	Masculino	6
	Feminino	5
Total		11
Semestre	6º	2
	7º	8
	8º	1
Total		11

A partir da análise de conteúdo das entrevistas, é possível perceber dois tópicos mais recorrentes nas respostas: participação do aluno e o uso de tecnologias. Ambos foram citados por seis alunos, metade dos entrevistados. Outras observações levantadas foram também a educação à distância (4 alunos), a utilização de jogos (4 alunos), aulas mais voltadas para a prática (4 alunos) e a organização da classe (2 alunos). Levando em consideração os sete campos da inovação do relatório da OCDE, observa-se que não foram citados nas respostas métodos de avaliação e uso de livro didáticos. O primeiro ponto pode apenas não ser considerado como possível fonte de inovação para os alunos, ou então por estarem satisfeitos com os métodos atuais de avaliação. O segundo ponto pode ter relação com a atual disponibilidade de informações na internet ou até mesmo o desinteresse pela prática da leitura.

No que diz respeito à forma de inovação no estilo de ensino as respostas foram diretamente vinculadas à pergunta inicial das entrevistas “Para você, o que é inovação em sala de aula?” e estão reproduzidas na Tabela 4.

Tabela 4

Respostas iniciais à questão de pesquisa

Entrevistado	Resposta Inicial
E01	“Fazer o aluno entender sem se utilizar daqueles recursos clássicos de ficar escrevendo no quadro, só o professor falando. Eu acho que tem que ter um pouco de interação dos alunos ”
E02	“É um relacionamento maior entre os alunos, deixar aquela coisa, aquele monólogo que só o professor fala e o aluno ouve. Acho que seria legal uma maior interação com o professor ”
E03	“É usar de métodos diferentes para tu entreter o aluno dentro da sala de aula”
E04	“É o professor tentar responder de forma que os alunos entendam. Seria o professor buscar maior entendimento dos alunos e não só ele passar o conhecimento e não ter esse feedback, do que o aluno está entendendo ou não”
E05	“O professor oferecer uma aula que fuja dos padrões de slides, de acompanhar no livro”
E06	“Qualquer atividade que não seja aquela simples aula expositiva ”
E07	“Novos métodos de ensinar, procurar coisas diferentes, além daquela aula, mais o professor falando e os alunos escutando ”
E08	“Utilizar de tecnologias , não só as novas, mas as antigas, mas usar de forma mais estruturada, objetivando ter um resultado melhor de ensino. Não precisa se jogar o giz e o quadro fora, desde que se saiba integrar as coisas”

E09	“Não é necessário reinventar o jeito de dar aula e sim agregar as vantagens tecnológicas ao antigo modo”
E10	“Usar outras formas, além do tradicional, que seria a aula expositiva, o professor falando e os alunos anotando alguma coisa. É tentar dar mais interatividade ”
E11	“É buscar novos métodos de passar o conhecimento, não só passar slide. Tem que ter essa criatividade de como se tornar legal o aprendizado, não só ficar uma coisa escrita. É legal a gente ter uma aula mais participativa , não só o convencional”

De maneira geral, pode-se perceber que as respostas iniciais envolvem uma vontade de maior interação por parte dos alunos e a insatisfação com as tradicionais aulas expositivas. Esse fato vai diretamente ao encontro do levantado por Lewis et al. (2013), quando afirmam que é necessário um movimento em direção a um aprendizado interativo. A partir das respostas iniciais citadas anteriormente, os alunos foram instigados a desenvolver mais sua resposta e a citar práticas que entendem ser inovadoras em sala de aula. Algumas respostas continuaram a reforçar a participação do aluno em sala de aula como por exemplo a de E06: “Eu prefiro até que os alunos expliquem, que não seja essa aula do professor só falando” e de E07: “Eu acho legal também pegar alunos que entendam um pouco aquele assunto e dividir em grupos menores. As vezes o pessoal em grupos menores manifesta mais as dúvidas”.

Uma preocupação presente nas respostas dos entrevistados envolveu a aplicação prática dos conteúdos vistos em aula. Por exemplo, E03 afirmou: “eu acho que é muito teórico tudo. Inovador ali seria essa questão de trazer pessoas que trabalham na prática com tal assunto para mostrar para os alunos”, enquanto E04 demonstrou uma preocupação: “eu vejo uma diferença enorme do que se tem no escritório [de contabilidade] no dia a dia com as coisas que tu vê na faculdade. Tem coisas que eu aprendi no dia a dia que nunca me falaram na faculdade, então eu acho que as vezes falta um pouco da prática”. Essa preocupação dos entrevistados encontra suporte em Fernandes et al. (2017), que identificou a aplicabilidade prática dos conteúdos como importante para a satisfação dos alunos com o curso.

No que diz respeito à organização da sala, apenas dois entrevistados citaram isso como inovação. O E02 destacou como potencialmente inovadora uma mudança “na forma como está a sala de aula. Eu acho que um display diferente, entendeu? Que todo mundo pudesse conversa melhor e o professor interagir melhor com os alunos. Eu acho que isso seria uma inovação enorme”. Tal opinião foi corroborada pelo E05: “daqui a pouco até a forma como a gente senta na sala de aula, sabe? Um atrás do outro. Daqui a pouco tornar a aula mais dinâmica nesse sentido assim”.

O uso da tecnologia é também bastante citado nas respostas. O entrevistado E05 destacou a utilização do smartphone por uma professora nas aulas: “ela faz bastante interação com os alunos pelo celular [...]ela usava o celular e os alunos usavam plaquinhas que tinha aqueles códigos criptografados [QR Code], aí as pessoas levantavam as plaquinhas e ela tirava uma foto com o celular, e o próprio celular contabilizava a resposta de cada um, sem ela ter que corrigir a prova”. Tal destaque acompanha Sánchez-Prieto et al. (2017) no uso de *mobile learning* como inovação em sala de aula. Citando a mesma professora o entrevistado E10 destacou a utilização de vídeo conferência: “uma aula que deveria ser presencial, ela fez por vídeo conferência [...] as pessoas ligaram suas webcams, quem queria poderia ser visto e falar, ou participar pelo chat, teve uma participação muito maior do quando está em sala de aula”. Ainda, alguns alunos deram destaque para o uso de jogos no aprendizado, por exemplo E04: “para a gente estudar para a prova, a gente tinha que jogar e desafiar os colegas. Eu achei muito legal, porque eu consegui aprender super bem com o jogo. Tudo que eu não consegui aprender lendo, eu aprendi jogando” e dois alunos E07 e E08 citaram a Gamification como um método interessante de aprendizado.

As respostas dos alunos envolveram também a educação à distância (EAD) como inovação no ensino superior. Por exemplo, o entrevistado E05 afirmou que “muitas cadeiras

[disciplinas] que a gente tem poderiam muito tranquilamente ser EAD”, enquanto E10 afirmou ser inovador o ensino à distância pois “permite organizar melhor o tempo [...] é legal essa questão de a aula ser síncrona, tu poder participar dela em outro lugar que não seja na faculdade”. Além disso, o ambiente virtual de aprendizagem utilizado pela UFRGS foi citado pelo E08: “O próprio sala de aula virtual, onde a gente consegue fazer determinados exercícios sem estar preso a um determinado lugar, isso aí ajuda bastante” e também por E09: “não tem inovação mais presente na nossa vida acadêmica do que o Moodle”.

Um fato importante, que segue o destacado por Watty et al. (2016), sobre a inovação ser normalmente puxada por indivíduos, é que uma professora foi citada nominalmente por metade dos entrevistados quando citavam exemplos de práticas inovadoras em sala de aula. As atividades citadas envolviam o uso de aplicativos de celular, atividades com cartazes, aulas por vídeo conferência, elaboração de vídeos, utilização de jogos e palavras cruzadas.

Ao final das entrevistas, os alunos puderam adicionar algo que achassem importante. Essas contribuições finais envolveram a falta de inovação nas aulas (E04), o cuidado ao utilizar tecnologias para que todos tenham acesso (E08), a aceitação de inovações (E09), a importância da inovação para o desenvolvimento (E10) e para a contabilidade (E11).

Por fim, nota-se que a percepção dos discentes com relação à inovação em sala de aula segue, de forma geral, o que é identificado na literatura. Das formas de inovação identificadas no relatório da OCDE (2014), apenas os métodos de avaliação e o uso de livros didáticos não foram alvo de respostas dos alunos, enquanto todos os outros pontos foram citados de alguma maneira. A partir das respostas, é possível também perceber a visão positiva dos alunos com relação à inovação.

5 Considerações Finais

Esta pesquisa teve por objetivo explorar o conceito de inovação em sala de aula, a partir da perspectiva dos alunos de Ciências Contábeis da UFRGS. Os alunos foram entrevistados e suas respostas foram analisadas no software Nvivo Pro 11. Como norte para a codificação das respostas, foi utilizado o relatório sobre inovação na educação *Measuring Innovation in Education: a new perspective* da OCDE (2014) e as sete formas que ele apresenta de inovação em sala de aula.

Foi possível perceber que o conceito que os alunos têm sobre inovação na educação estão, de maneira geral, alinhados com as divisões do relatório da OCDE. A inovação no estilo de ensino pode ser diretamente relacionada com as manifestações por maior participação dos alunos e um descontentamento com a aula somente expositiva. A inovação em práticas de instrução encontra suporte nas manifestações por conteúdos mais relacionados com a prática do profissional contábil. A inovação na organização da classe também foi citada por alunos que acreditam ser inovador uma disposição diferente dos alunos na sala de aula. Dois pontos, porém, não foram citados pelos alunos: os métodos de avaliação e o uso de livros didáticos. Por fim, a disponibilidade de computadores e uso de computadores em sala de aula foram citados pelos alunos quando deram exemplos de algumas práticas que consideram inovadoras. Apesar dessa identificação dos alunos, muitas vezes os professores dependem de verbas das universidades para que possam proporcionar atividades específicas, e, muitas vezes, estão limitados pelas instalações físicas e infraestrutura disponíveis.

As limitações deste artigo estão no pequeno número de alunos entrevistados. Uma maior amostra permitiria uma elaboração mais robusta do conceito de inovação compreendido pelos alunos. Ainda, vale ressaltar que apenas foram entrevistados alunos do curso de Ciências Contábeis da UFRGS. Logo, algo que é considerado inovação para essa amostra, pode não ser para outra. Assim, sugere-se que se aplique esta exploração do conceito em outras instituições

de ensino superior, de forma a permitir uma comparação dos conceitos de diferentes alunos de diferentes instituições.

Referências

- Audy, J. (2017). A inovação, o desenvolvimento e o papel da Universidade. *Estudos Avançados*, 31(90), 75–87. Recuperado de <https://doi.org/10.1590/s0103-40142017.3190005>
- Barroso, J. (2005). *Políticas Educativas e Organização Escolar*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Bowman, N. A. 2010. The Development of Psychological Well-Being Among First-Year College Students. *Journal of College Student Development*, 51, 180–200.
- Bunce, D., & M. A. West. (1994). *Changing Work Environments: Innovative Coping Responses to Occupational Stress*. *Work and Stress* 8: 319–31.
- Cai, Y. (2017). From an analytical framework for understanding the innovation process in higher education to an emerging research field of innovations in higher education. *Review of Higher Education*, 40(4), 585-616.
- Clark, B. R. (1998). *Creating entrepreneurial universities: Organizational pathways of transformation*. IAU: Pergamon.
- De Jong, J. P. J. (2007). *Individual Innovation: The Connection between Leadership and Employees Innovative Work Behavior*. PhD diss., University of Amsterdam.
- Fagerberg, J., (2004). Innovation: A guide to the literature. In J. Fagerberg, D. Mowery, R. Nelson (Eds.). *The Oxford Handbook of Innovation*. Oxford University Press, Oxford, pp. 1–26.
- Fagerberg, J., Fosaas, M., & Sapprasert, K. (2012). Innovation: Exploring the knowledge base. *Research Policy*, 41(7), 1132–1153. Recuperado de <https://doi.org/10.1016/j.respol.2012.03.008>
- Fagerberg, J., Martin, B. R., & Andersen, E. S. (2013). *Innovation studies: Evolution and future challenges*. Oxford: Oxford University Press.
- Fernandes, B. A. O. F., Silva, J. M. M. A. da, Ravena, N., Martins, C. M., & Gomes, S. C. (2017). *Elementos constitutivos da satisfação dos acadêmicos de graduação dos cursos de administração e ciências contábeis da Universidade Federal do Pará*. XX Semead.
- Gupta, S., Parekh, U. N., & Ganjiwale, J. D. (2017). Student's perception about innovative teaching learning practices in Forensic Medicine. *Journal of Forensic and Legal Medicine*, 52, 137-142. Recuperado de <https://doi.org/10.1016/j.jflm.2017.09.007>
- Godin, B. (2010). *National Innovation System: A note on the origins of a concept*. Project on the intellectual history of innovation. Manuscript.
- Lašáková, A., Bajžíková, Ľ., & Dedze, I. (2017). Barriers and drivers of innovation in higher education: Case study-based evidence across ten European universities. *International Journal of Educational Development*, 55(May), 69–79. Recuperado de

<https://doi.org/10.1016/j.ijedudev.2017.06.002>

Lekhi, R. (2007). *Bringing about curriculum innovation*. Implicit approaches in the OECD area. OECD Education Working Papers, n. 82, OECD Publishing.

Lewis, C. C., Fretwell, C. E., Ryan, J., & Parham, J. B. (2013). Faculty use of established and emerging technologies in higher education: A unified theory of acceptance and use of technology perspective. *International Journal of Higher Education*, 2(2), 22. doi:10.5430/ijhe.v2n2p22

Lundvall, B.-Å. (Ed.). (1992). *National systems of innovation: Towards a theory of innovation and interactive learning*. London, New York: Pinter Publishers.

Martin, B. R. (2012). The evolution of science policy and innovation studies. *Research Policy*, 41(7), 1219-1239. doi:10.1016/j.respol.2012.03.012

Martín, P., Potočnik, K., & Frás, A. B. (2017). Determinants of students' innovation in Higher Education. *Studies in Higher Education*, 42(7), 1229–1243. Recuperado de <https://doi.org/10.1080/03075079.2015.1087993>

Organization for Economic Cooperation and Development; Financiadora de Estudos e Projetos. (2004). *Manual de Oslo: Proposta de diretrizes para coleta e interpretação de dados sobre inovação tecnológica*. Recuperado de http://download.finep.gov.br/imprensa/manual_de_oslo.pdf

Organization for Economic Cooperation and Development. (2005). Glossary of Statistical Terms – Innovation. Recuperado de <https://stats.oecd.org/glossary/detail.asp?ID=6865>

Organization for Economic Cooperation and Development. (2014). Measuring Innovation in Education: A New Perspective. *Educational Research and Innovation*, OECD Publishing. doi: 10.1787/9789264215696-en

Pereira, R. D. S., Franco, I. D., Almeida, L. C. B. de, & Santos, I. C. dos. (2012). The Teaching of “Innovation” in Business Administration, Accounting, Tourism and Technology Management: An Exploratory Study in Brazilian Higher Education Institutions. *Review of Administration and Innovation - RAI*, 9(4), 221–244. Recuperado de <https://doi.org/10.5773/rai.v9i4.1083>

Santos, S. M. (2000). As responsabilidades da Universidade no acesso ao Ensino Superior. In A. P. Soares, A. Osório, J. V. Capela, L. S. Almeida, R. M. Vasconcelos & S. M. Caíres (Orgs.). *Transição para o Ensino Superior* (pp 69-78). Braga: Universidade do Minho.

Sánchez-Prieto, J. C., Olmos-Migueláñez, S., & García-Peñalvo, F. J. (2017). Motivation and innovation: Mobile technology acceptance among student teachers. *RIED. Revista Iberoamericana de Educación a Distancia*, 20(2), 273–292. Recuperado de <http://dx.doi.org/10.5944/ried.20.2.17700>

Schumpeter, J. A. (1942). *Capitalism, socialism and democracy*. Londres: George Allen & Unwin.

Slaughter, S., & Rhoades, G. (2004). *Academic capitalism and the new economy: Markets, state, and higher education*. Baltimore, MD, London: Johns Hopkins University Press.

Watty, K., McKay, J., & Ngo, L. (2016). Innovators or inhibitors? Accounting faculty resistance to new educational technologies in higher education. *Journal of Accounting Education*, 36, 1–15. Recuperado de <https://doi.org/10.1016/j.jaccedu.2016.03.003>